



## RESUMOS EXPANDIDOS E RELATOS DE EXPERIÊNCIA

### EXPERIÊNCIA COM PLANTAS MEDICINAIS NO SEMIÁRIDO: DESAFIOS À TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA

**Claudenice Rosa Lima<sup>1</sup>, Claithiane Soares Oliveira<sup>2</sup>, André Lopes da Silva<sup>3</sup>, Anderson Andrade Fausto<sup>4</sup>, Valéria Pôrto dos Santos<sup>5</sup>, Davi Silva da Costa<sup>6</sup>**

1. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, claudenicelyma@gmail.com; 2. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, claithiane.oliveira@hotmail.com. 3. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, lopes215a@gmail.com. 4. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, andersonfausto2012@hotmail.com. 5. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, valeriapds18@yahoo.com.br. 6. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, davi.costa@serrinha.ifbaiano.edu.br.

#### INTRODUÇÃO

Os saberes que constituem as identidades de um povo são dimensionados a partir de sua forma de pensar e agir, partindo de suas vivências pessoais e experiências coletivas, integrada à exploração dos diferentes recursos do ambiente no qual se encontra inserido para viabilizar, assim, a sua sobrevivência (PINTO *et al.*, 2006). Em relação às plantas utilizadas para fins terapêuticos, os saberes populares são levados em consideração no que diz respeito ao conhecimento das espécies com potencial farmacológico, aos tratos culturais para cada espécie, como utilizar seus elementos para que seu uso seja eficaz, as indicações e as dosagens ministradas para cada fim, sendo esses conhecimentos transmitidos ao longo das gerações (DUTRA, 2009).

O uso de plantas medicinais para ajudar no controle de insetos também é bastante difundido dentro das comunidades. De acordo com ROEL (2001):

O emprego de substâncias extraídas de plantas, na qualidade de inseticidas, tem inúmeras vantagens quando comparado aos sintéticos: os inseticidas naturais são obtidos de recursos renováveis e são rapidamente degradáveis; o desenvolvimento da resistência dos insetos a essas substâncias, compostas da associação de vários princípios ativos é processo lento; estes pesticidas são de fácil acesso e obtenção e não deixam resíduos em alimentos, além de apresentarem baixo custo de produção (ROEL, 2001).

Por essa perspectiva, as plantas medicinais apresentam destaque em sistemas de produção agroecológicos, por desempenharem papéis importantes para o equilíbrio dos sistemas de produção. O foco deste trabalho é relacionar os potenciais de plantas medicinais nativas da caatinga ou exóticas



em um sistema de produção agroecológica, cujas plantas medicinais ocupam espaço determinado e se integram à produção de frutas e hortaliças.

Esse processo de experimentação agrega estudantes do curso técnico subsequente em agricultura, do curso superior em engenharia agrônômica e da pós-graduação em inovação social com ênfase em economia solidária e agroecologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano), *Campus Bom Jesus da Lapa*.

## METODOLOGIA

O Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (LaPPRuDes), do IF Baiano *Campus Bom Jesus da Lapa*, desenvolveu um experimento utilizando uma horta agroecológica, inserindo nesse sistema as plantas medicinais com dois objetivos: promoção de uma farmácia viva e utilização do potencial das plantas para o uso de bioinseticidas e biofertilizantes. Foi realizado um levantamento junto às comunidades e assentamentos no entorno do *Campus*, onde o trabalho vem sendo desenvolvido, abrangendo os municípios de Bom Jesus da Lapa e Serra do Ramalho, sobre as plantas medicinais potenciais para estas finalidades. No levantamento também buscou verificar quais usos os agricultores dão às plantas medicinais. Após essa etapa também foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre os usos medicinais dessas plantas e principalmente seus usos possíveis no âmbito do manejo agroecológico da horta, para posteriormente verificar sua influência em relação ao controle de insetos e predadores naturais que se apresentariam no ambiente. A área de implantação tem 14 m<sup>2</sup> de comprimento por 15 m<sup>2</sup> de largura os canteiros tem 7 m<sup>2</sup> de comprimento 90 cm de largura e um espaçamento entre canteiros de 70 cm, e em plantas variando de 20 a 1,20cm. Quando foi implantada a área, houve um trabalho de limpeza e incorporação de matéria orgânica, adubação verde e esterco. Logo após o processo de preparo da área e do solo iniciamos o plantio das espécies descritas na Tabela 1, de forma aleatória.

O objetivo da inserção das ervas medicinais na horta Agroecológica é conscientizar, preservar o meio ambiente, cultivando plantas medicinais para uso de inseticidas e insumos naturais. Todas as plantas cultivadas no horto medicinal tem uma função de proteger as hortaliças e as frutíferas que se encontram nos canteiros ao lado, ao mesmo tempo serve de adubação orgânica, além de ser utilizadas como insumos em toda área no combate a pragas e doenças. Para além, tem o intuito de proporcionar

aos alunos do curso técnico em agricultura um maior contato com a agroecologia e associação entre os saberes no que tange ao uso das plantas medicinais no cotidiano das pessoas.

**Tabela 1:** Identificação de espécies da horta de ervas medicinais.

<b>Espécies</b>	<b>Nome popular</b>	<b>Nome científico</b>
Alecrim	Alecrim de cheiro ou alecrim de horta	<i>Rosmarinus officinalis L.</i>
Arruda	Arruda	<i>Ruta graveolens</i>
Alho	Alho	<i>Allium sativum.L</i>
Bezetaçil	penicilina	<i>Altenanthera brasiliiana</i>
Babosa	Babosa	<i>Aloe e vera</i>
Hortelã	Grosso ou graúda	<i>Plectrnthnus amboinicus</i>
	Miúda ou de horta rasteiro	<i>Mentha x villosa</i>
	Vik	<i>Menthax arvensis</i>
Erva doce	Erva doce	<i>Pimpinella anisum</i>
Erva cidreira	Erva cidreira	<i>Melissa ou citronela</i>
Erva de santa maria	Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioidios</i>
Poejo	Hortelãzinha	<i>Mentha pulegium</i>
Manjericão	Alfavaca	<i>Ocimum basilicum L.</i>
Capim limão	Capim santo	<i>Cymbopogon citratus</i>
Boldo nacional	Boldo 7 dores	<i>(Plectranthus barbatus)</i>
Cravo de defunto	Cravo de solteiro	<i>Tagetes minuta L.</i>
Boldo do chile	Boldo	<i>Peumus boldo Molina</i>
Picão	Carrapicho de agulha	<i>Biendes pilosa</i>
Artemijo	Erva de são João	<i>Artemisia annua L</i>
Jurubeba	Jurubeba	<i>Solanum paniculatum L</i>

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a experimentação, ainda em processo, salientamos algumas espécies interessantes, que seriam as plantas que apresentam propriedades com atividade alopatíca, substâncias liberadas por esses vegetais capazes de atrair, repelir ou promover toxicidade no desenvolvimento de outras plantas (Chou, 1999; Ferreira, 2004).



A Erva de são João (*Artemisia annua L*) vem sendo utilizada como medicamento para dores pelos próprios estagiários, os quais relatam melhoras significativas em sua saúde. Coloca-se no álcool e depois massageia o local. No Brasil é utilizada como antileucorréica, emenagoga, antiespasmódica, estomáquica, antipirética, analgésica em casos de enxaqueca, artrites, diarreia, perturbações gástricas e insônia (MARTINS et al., 1995). Rosa e Machado (2007) destacaram a *Artemisia* como uma das plantas utilizadas no tratamento de artrite reumatóide. Similarmente ao tratamento da enxaqueca, as preparações vegetais, segundo as mesmas autoras, são obtidas a partir de extrato da parte aérea das plantas e os efeitos benéficos são atribuídos ao partenólídeo.

O Capim limão (*Cymbopogon citratus*) tem sido utilizado como calmante, na forma de chá ou suco pela população local. De acordo com Simões et al (1986) essa erva é usada popularmente como calmante, analgésico, antifebril, antirreumático, carminativo, antitussígeno, diaforético, emanagogo, em distúrbios digestivos e repelente de insetos.

As plantas utilizadas como bioinseticidas foram o manjeriço no ataque de cupins. Funcionou muito bem. Foram aplicadas na horta. A ideia foi diversificar o máximo possível esse sistema, sempre de acordo o conhecimento dos mais velhos, associados ao adquirido em sala de aula, sendo assim, implantou-se nas entre linhas da horta, o picão que é uma planta medicinal, porém espontânea que precisa ser controlada, também tem a jurubeba que é uma planta nativa de grande poder medicinal. As duas ervas citadas acima, também estão sendo utilizadas como repelente no combate de insetos em geral, com sucesso. Algumas substâncias botânicas têm atividade inseticida conhecida, tais como, piretrinas, rotenona, nicotina, cevadina, veratridina, rianodina, quassinoides, azadiractina e biopesticidas voláteis. Estes últimos são, normalmente, óleos essenciais presentes nas plantas aromáticas (Isman, 2000).

## CONCLUSÕES

Ultimamente tem crescido o interesse por substâncias que apresentem menor risco à saúde humana e ao ambiente, além da demanda crescente por produtos alimentícios saudáveis. O potencial farmacológico das plantas faz parte da cultura popular, precisando que se discutam seus efeitos e dissemine a sua importância para a preservação dos saberes locais. Uma grande importância desse projeto é a criação de processos interativos e construtivos dos estudantes na consolidação de seus



conhecimentos agroecológicos contextualizados na realidade local onde a instituição de ensino está inserida.

Uma grande preocupação foi com o efeito alopático dessas plantas, porque ela pode repelir o inseto, mas ao mesmo tempo pode inibir o crescimento de plantas, por isso temos que estudar o efeito de cada uma antes de usar na área, a exemplo do capim limão, que apresenta um potencial estimulante no desenvolvimento de vegetais, mas ao mesmo tempo inibi o crescimento de outros.

## REFERÊNCIAS

CHOU, C. Roles of allelopathy in plant biodiversity and sustainable agriculture. *Critical Reviews in Plant Sciences*, v.18, n.5, p.609-636.1999.

DUTRA, M. G. **Plantas medicinais, fitoterápicos e saúde pública**: um diagnóstico situacional em Anápolis, Goiás. 2009. 112 f. Tese (Mestrado Multidisciplinar em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente)-Centro Universitário de Anápolis UniEVANGÉLICA. Anápolis.

FERREIRA, A.G. Interferência: Competição e Alelopatia. In: FERREIRA, A.G.; BORGHETTI, F. *Germinação do básico ao aplicado*. Porto Alegre: Artmed, 2004. p.251-262.

ISMAN, M.B. Plant essential oils for pest and diseasemanagement. **Crop Protection**, v.19, p.603-8, 2000.

MARTINS, E. R.; CASTELLANI, D. C.; CASTRO, D. M. et al. E. **Plantas Medicinai**s. Viçosa: UFV . 1995. p. 79-80.

PINTO, E. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, v. 20, n. 4, p.751-762, 2006.

ROEL, A.R. Utilização de plantas com propriedades inseticidas: uma contribuição para o desenvolvimento rural sustentável. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, v.1, p.43-50, 2001.

ROSA, C.; MACHADO, C. A. Plantas medicinais utilizadas no tratamento de doenças reumáticas: revisão. **Revista Brasileira de Farmácia**, Rio de Janeiro, v. 88,p. 26-32, 2007.

SIMÕES, C. M. O.; MENTZ, L. A.; SCHENKEL, E. P.; IRGANG, B. E.; STEHMANN, J. R. **Plantas da Medicina Popular no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. Edição da Universidade/UFRGS, 1986.